

---

## Steven Universo & o *Queer* na animação infantil<sup>1</sup>

Luis Cesar Rodrigues ROSA<sup>2</sup>

Edilson Sandro PEREIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Em tempos de demanda por maior representatividade nas telas, Steven Universo (2013), desenho infantil da criadora Rebecca Sugar, surge aclamado por sua ampla diversidade, especialmente da comunidade queer. Dialogando com as obras de Foucault, Butler, Lopes, entre outros, debate-se a interpretação desses corpos ‘desviantes’ na sociedade e a importância da sua representatividade nos meios de comunicação. Além disso, o projeto que advém de uma monografia de conclusão de curso, busca confirmar a importância de Steven Universo na história da animação infantil e da comunidade queer, dissecando brevemente a construção dos principais personagens entendidos como LGBTQIAP+, e estabelecendo um breve diálogo entre a repercussão dessas representações: aclamadas pela crítica, mas determinantes do cancelamento do desenho.

### Palavras-chave

Steven Universo; Representatividade; Queer; Animação;

### Introdução

Apesar de ser de “senso comum” a noção de a televisão - ainda principal meio de comunicação<sup>4</sup> - impactar seu espectador, o estudo científico do consumo de mídia mantém-se imprescindível. A própria invenção do rádio e do cinema datam do final do século XIX, o que explica a juvenilidade das teorizações acerca da comunicação. Entretanto, ao reconhecer que esses meios são formadores de opinião, a diversidade de suas produções torna-se de extrema importância coletiva e individualmente, como pontuam diversas vertentes do ativismo étnico, que questionam a falta de representatividade na mídia de minorias racializadas, por exemplo. A própria palavra

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ04 – Comunicação Audiovisual do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 15º semestre do Curso de Comunicação Social - Radialismo e Televisão da ECO-UFRJ, email: [rodriguesrosa2408@gmail.com](mailto:rodriguesrosa2408@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da ECO-UFRJ, email: [edilson.pereira@eco.ufrj.br](mailto:edilson.pereira@eco.ufrj.br)

<sup>4</sup> DIANA, Daniela. in: Meios de Comunicação. Toda Matéria: Brasil, [s.d.].

---

minorias por vezes corresponde à maior parte de um grupo, mas que detém consideravelmente menor número em representação e participação.

Algo a ser ponderado é quem detém o controle dos meios de comunicação, e conseqüentemente, suas potências. São grupos e entidades historicamente centralizadores de poder, favorecidos dentro da hegemonia sócio-política. Dessa forma, os discursos e narrativas explorados na TV, por exemplo, tendem a ser monopolizados, refletindo as vivências e valores de seus dirigentes e idealizadores. O produto direto é a sub-representação da maioria dos grupos à margem da hegemonia, negligenciados e/ou subjugados ao exotismo e alienação, através de estereótipos prejudiciais.

Sob o recorte da comunidade LGBTQIAP+<sup>5</sup>, como analisado por Foucault (1976), pessoas queer foram estigmatizadas de inúmeras formas ao longo do tempo, tendo seus corpos tachados como doentes, pecadores, perversos e criminosos. Sua representação através da mídia não foi diferente, o que perpetuou arquétipos perigosos pelo olhar dos grupos hegemônicos, aqui: cisgênero e heterossexual. Seja pela completa ausência dessas identidades nas produções exibidas, ou pela forma ‘afetada’ que isso era - e por vezes ainda é - realizado, esses corpos foram mantidos como objetos do humor e marginalidade na televisão. O queer carrega um status de tabu no geral, e se sofre com essas performances de sexo, sexualidade e gênero em produções para o público adulto, a plena censura do queer em programas infantis é normalizada e aceita como correta.

Segundo a BBC<sup>6</sup>, o primeiro programa para crianças só estreou em 1946. Já o primeiro canal televisivo infantil, a Nickelodeon, foi fundado em 1979. Sucesso de audiência, sua principal concorrente surgiu 15 anos depois, o Cartoon Network - primeiro canal a exibir exclusivamente animações 24 horas por dia. Logo, a consolidação de crianças de telespectadores casuais à público alvo da TV é muito recente, e a delicadeza que a faixa etária requer proporciona uma possível manutenção dos *apagamentos* da comunidade queer que já aconteciam na TV com o público adulto.

João Resende caracteriza esses apagamentos em sua obra (2018):

Apagamentos são construtores de estereótipos, perpetuam imagens pasteurizadas de grupos sociais, que se veem empobrecidos frente ao domínio do opressor que cria essas representações em que só seus iguais são dotados de nuances, profundidade e fonte de identificação. (...) Eventualmente, em

---

<sup>5</sup> Acrônimo para ‘lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queers e questionadores, intersexuais, assexuais e pansexuais’. O sinal de ‘+’ representa demais denominações.

<sup>6</sup> Children and the BBC. BBC: Reino Unido, [s.d.].

---

manifestações complexas, o apagamento se confunde com a representação.  
(RESENDE, 2018, p.18-19)

A confusão desses apagamentos como representação é a irrepresentatividade<sup>7</sup>. Ela inviabiliza a formação de diferentes subjetividades a determinados grupos. O acréscimo do uso do termo representatividade nas redes sociais e meios de comunicação dá-se em grande parte pela observação desses grupos, alienados, que cada vez mais têm apontado e cobrado produções, marcas e personas midiáticas, não apenas por mais e melhores representações de si, como seu posicionamento político perante tais minorias.

Essas identidades são tidas como desviantes das normas regulatórias da sociedade (Butler, 1990) e, portanto, *indesejáveis*, e sob a premissa da impressionabilidade dos jovens, cria-se um argumento de que o simples contato com essas novas possibilidades e performances do ser servem de influência *negativa*. Deborah Britzman (1995) pontua que nenhuma identidade sexual é “automática e autêntica”, nem mesmo a heterossexualidade tida como norma. Segundo ela, nenhuma identidade de gênero ou sexual “existe sem negociação”, o que esclareceria que se a presença de personas queer na mídia influenciam a identidade do espectador, o mesmo aconteceria com a majoritária presença de personas não-queer. A demanda desses corpos não é sobre influência, mas sobre validação - e uma nova possibilidade de representação, especialmente para com o público infantil, surge com Steven Universo.

## A Animação

Figura 1 – Steven Universo & as Crystal Gems



Fonte: Cartoon Network

---

<sup>7</sup> “Ausência de representatividade”. Irrepresentatividade. in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Priberam: 2008-2022.

Steven Universo (2013), desenho da criadora Rebecca Sugar veiculado pelo Cartoon Network, conta a história de um jovem, Steven, que vive com Garnet, Pérola e Ametista: três ‘Gems’, uma raça alienígena super poderosa, intrinsecamente associada a pedras preciosas. Steven é um ser híbrido, filho de Greg, um humano, e Rose Quartz, uma gem - da qual herdou habilidades mágicas que mostram-se cruciais para preservação da vida terrestre. Trata-se de uma animação infantil<sup>8</sup> estadunidense, a primeira da emissora criada inteiramente por uma mulher<sup>9</sup>. No total, foram 5 temporadas exibidas ao longo de 7 anos, seguidas por um filme em 2019 e um *spin-off* que funcionou como epílogo para a série, finalizada em 2020.

Diversos personagens dialogam com a queeridade através de suas relações interpessoais e performances de gênero, de forma positiva e nunca questionada em tela, trazendo ao seu público alvo infantil novas possibilidades identitárias. A presença múltipla e benéfica desses personagens rendeu a animação um GLAAD Award em 2019 - que também ganhou um Emmy dentre 6 nomeações. A história de Rubi e Safira, casal gem lido como lésbico, foi recontada no livro ‘The Answer’, que tornou-se *best-seller* do The New York Times em 2016 - casos que ilustram o reconhecimento da animação sob o recorte queer em meio crítico e mercadológico. Além disso, a produção excedeu limitações quanto a representatividade muito pelo fato dessa pluralidade de vozes existir em sua equipe de produção, que compartilha de vivências queer - usadas como inspiração e razão no desenvolvimento da trama e construção de seus personagens. Sugar, inclusive, pôde revelar-se bissexual, e posteriormente, uma mulher não-binária durante a execução do projeto - ambas identidades representadas em tela.

Entretanto, é preciso entender as singularidades da raça gem, a espécie alienígena criada por Sugar, para melhor entender seus personagens. Fisicamente, gems são seres feitos de luz, mas detentores de massa. Isto é, apesar de seus corpos funcionarem como hologramas, projetados por uma jóia que todos da espécie possuem em seu corpo, eles são materializados. Quanto tais jóias, elas situam-se em diferentes locais do corpo, à depender da gem, e constituem a sua única parte considerável ‘real’ - no caso, não feita

---

<sup>8</sup> No Brasil, é recomendado para maiores de 10 anos, enquanto nos Estados Unidos, é classificado como TV-PG, o que sugere que as crianças assistam com supervisão de seus guardiões legais, além de não ser recomendado para crianças menores de 6 anos.

<sup>9</sup> OHANESIAN, Liz. Steven Universe, The First Cartoon Network Show Created Solely By A Woman. La Weekly, Estados Unidos, 2013.

---

de luz, mas sim de minerais, como pedras preciosas comuns. Seus nomes advém do tipo de pedra que elas possuem, que também caracterizam sua aparência e habilidades sobre-humanas.

A compreensão de gênero da própria espécie não existe. Todas as gems se reconhecem no feminino, apresentando diferentes biotipos, mas sendo facilmente lidas - e tratadas - no feminino, seja pelos humanos no desenho ou o público em geral. Todavia, sua sociedade, apesar de entendida como matriarcal, não construiu noções de gênero em seu percurso histórico, mas não encontram problemas em serem compreendidas como mulheres. Cabem à elas a identidade de “mulheres não-binárias”, como fora explicado por Sugar, que também se reconhece dessa forma - uma identificação que por si só foge do padrão de gênero normativo. Entretanto, a sociedade gem é construída sobre castas, que de acordo com o tipo de pedra de cada indivíduo, herda uma posição social imposta.

Outras duas características da espécie importante de serem explicadas é a capacidade de mudarem de forma física temporariamente, de acordo com a sua vontade, e a habilidade de fusão. Gem podem fundir-se com outras gems, independente de seu tipo, criando um ser inteiramente novo, produto das personalidades individuais de suas fusoras, assim como do relacionamento pré-existente entre as mesmas. “Relacionamento vivo” - a melhor forma de explicar fusão em toda sua abstração. É a personificação do que os fusores representam e compartilham entre si; são seus próprios seres. A prova disso, é que além de características individuais das gems remanescerem, novos aspectos são observados em cada uma. Fusão, mesmo quando momentânea, portanto, é uma forma identitária. Como pontuou Stuart Hall (2006), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade” (HALL, 2006, p.38). E com gems não é diferente. Compreender fusão é essencial para esse trabalho porque durante a animação é amplamente utilizado como alegoria para relações, sejam amizades, parcerias momentâneas, ou relações amorosas. Muitas das representações queer na série existem enquanto fusões, como no caso de Garnet, fusão de Rubi e Safira, duas gems que se amam a ponto de quererem permanecer juntas, enquanto novo ser-fusão.

Algo importante de ressaltar é que dentre as normas regulatórias da sociedade gem, fusão é visto meramente como um recurso de combate e deve ser temporário, para

---

obtenção de maior poder no caso de necessidade. Só pode ser realizado por gems específicas e dentre o mesmo tipo de pedra, vendo fusões por amor, entre gems que desejam permanecer fundidas como forma de experienciar uma relação, como crime - algo que é mudado ao longo da série, quando as Diamantes - matriarcas líderes da espécie - mudam de ideia sobre sua criminalização, assim como da estratificação de sua sociedade. Fusões também podem ser realizadas dentre mais de duas gems fusoras.

### **A Construção de Queeridade nos Personagens**

Nenhum personagem assume uma sexualidade em tela, um “rótulo”, seja cis-heteronormativo ou não, o que de forma alguma inviabiliza suas representações. Foucault, alerta, inclusive, que o ato de nomear as identidades sexuais ‘periféricas’ começou como forma de categorizar esses corpos tidos como doentes e criminosos. Apesar da aura de comunidade que esses nomes proporcionam às pessoas LGBTQIAP+ na atualidade, já para Butler, eles podem ser restritivos. Ainda assim, uma das formas de lutar contra um sistema é através das matrizes dele mesmo, como ela pontou, e a ressignificação desses nomes e/ou a criação de novas terminologias que melhor representam essas pessoas, feitas por elas mesmas, indivíduos queer, pode ser uma das formas de alcançar isso. Diante disso, Steven Universo não apenas apresenta uma nova visão sobre essas identidades tão invalidadas, como não as delimita.

Dentre os personagens tem-se Steven, um garoto híbrido humano-gem, cisgênero, e lido como heterossexual. A única personagem pelo qual ele demonstra algum interesse romântico é Connie, uma menina de ascendência indiana na sua mesma faixa etária, com quem termina namorando ao final, e compõe a fusão Stevonnie. Steven, por ser um híbrido, é o único ser-humano que pode iniciar fusões, sejam com gems ou outros humanos. A relação dos dois é o único apontamento que indicaria o jovem ser heterossexual, da mesma forma que nada indica que ele não seja, já que não apresenta interesse por mais ninguém. Todavia, Steven encontra sua performance de gênero na fuga da heteronormatividade, retomando Butler. Sua apresentação estética ao público dá-se em contraste a outros personagens meninos popularizados por animações. Ele é gordo, baixo e muito associado à cor rosa - historicamente associada ao gênero feminino. Exemplos são a pedra rosa no lugar de seu umbigo, o escudo e a bolha rosa que ele pode projetar, assim como demais poderes também cor-de-rosa; e elementos não corpóreos, como o leão

---

rosa, seu animal de estimação, e a nave que herda de sua mãe. Em momento algum Steven parece ter problemas com isso, pelo contrário, o gosto pela cor é traduzido nas suas vestimentas, e chega a ser verbalizado na série.

Quanto aos aspectos comportamentais, Steven é muito emotivo, mostrando-se extremamente sensível, e sem a menor vergonha disso. Ele é empático, chora com facilidade, e sempre prefere dialogar e até mesmo se colocar em um lugar de sofrimento pelo bem do outro, ao invés de “partir para briga” - atitude que várias vezes as gems tendem a tomar. Guacira Louro (1997) debate em sua obra que ser homem e mulher carrega expectativas da sociedade, de como deveriam agir e se vestir, fugindo do que é considerado inadequado ao *papel* de seu gênero. Steven vai contra isso aos olhos do público, fugindo das normas arbitrárias da performance aceita de ser um menino, ao mesmo tempo que de forma alguma é repreendido na trama pelos demais, sendo inclusive incentivado por seu pai, musicista que valoriza a sensibilidade e auto expressão, e pelas gems, que o encorajam a ser autêntico.

Sua mãe, a Diamante Rosa, abdicou de sua forma física para dar a luz à Steven, uma vez que sua pedra passaria para ele, e gems não existem sem a mesma. Mas antes disso, era uma das 4 matriarcas líderes de toda a sociedade gem, que colonizou diversos planetas no espaço, de onde extraíam nutrientes para a criação de novas gems. Sua primeira - e única - colônia foi o planeta Terra, onde entrou em contato com seres humanos pela primeira vez, e viveu uma série de relacionamentos breves com diversos homens ao longo dos anos. Todavia, o único homem pelo qual ela realmente se apaixonou e viveu um relacionamento duradouro foi Greg, com quem posteriormente teve Steven. Já Pérola, subordinada de Rosa, foi intensamente apaixonada por sua líder. Durante a colonização da Terra, as duas chegaram a compartilhar sentimentos românticos uma pela outra, e tentar fusão algumas vezes, mas apesar dos sentimentos serem mútuos, a mãe de Steven não chegou a viver um relacionamento com ela. Dessa forma, por ser atraída tanto por homens quando Pérola, a Diamante Rosa é entendida como polisssexual, seja bissexual, pansexual, etc. Apesar da maior parte de seus relações terem sido com homens, entendê-la como heterossexual invalidaria seus sentimentos por Pérola, que por sua vez é lida como uma mulher lésbica. Durante a série, ela demonstra interesse por diferentes mulheres, em especial pela conhecida como “mulher misteriosa”, de aparência semelhante à da mãe de Steven: bem alta, gorda, pele clara e cabelos volumosos cor-de-

---

rosa. Além disso, ao final da animação, subentende-se que Pérola poderá viver um relacionamento amoroso com Bismuto, outra gem. A semiótica das duas pode ser compreendida dentro das estéticas “femme” e “butch”, respectivamente, de acordo com noções estereotípicas de feminilidade. Todavia, Pérola também rompe não só com o papel de gênero feminino, como a posição hierárquica que herda na sociedade gem, fugindo da noção de delicadeza e vulnerabilidade que carrega - assim como mulheres que são compreendidas como o “sexo frágil” - e tornando-se uma rebelde revolucionária, dominando o manuseio de espadas, e mostrou-se excepcional com construção, carpintaria, engenharia espacial, automobilística e robótica. Pérola, assim como Steven, são exemplos de contra-estereotipagem, que é a caracterização de um personagem de forma contrária ao esperado normalizado.

Peridot, inicialmente apresentada como antagonista na trama, é uma gem assexual e aromântica, cuja identidade foi revelada por Maya Petersen, artista de storyboard da série que também se identifica como tal. Segundo Petersen, o que a motivou a revelar a identidade da personagem foi observar como a comunidade de fãs do desenho torcia para que ela vivesse um relacionamento com Lápis Lazuli, outra gem, uma vez que os fãs não sabiam da real sexualidade de Peridot por não ter sido explorada de forma explícita. Já Lápis Lazuli, sua amiga, vive um relacionamento abusivo com Jasper, outra gem, através da fusão Malaquita. Por mais que elas tenham se fundido originalmente sem ter um relacionamento pré-existente, o longo tempo que co-existiram enquanto fusão foi suficiente para que criassem um laço uma com a outra, que pode ser interpretado pelo público como um exemplo de *trauma bonding*, que de acordo com Nicole Fonseca e Bruno Oliveira é uma “dependência emocional entre duas pessoas, em um relacionamento caracterizado por períodos de abuso, violência e desequilíbrio de poder, com vínculos de intensa conexão”<sup>10</sup>. A forma que o relacionamento das duas é (des)contruído depois de desfundirem-se, remete à uma série de clichês de filmes românticos, o que evidencia que em algum momento de sua existência enquanto Malaquita, tornaram-se, de certa forma, um casal. A forma que toxicidade da relação das duas é traduzida em imagem ganha forma na composição monstruosa de Malaquita, bem menos humanóide e mais animalizada do que fusões como Garnet, por exemplo.

---

<sup>10</sup> FONSECA, Nicole; OLIVEIRA, Bruno. Trauma bonding: conceitos, causas e mecanismos em relacionamentos íntimos. Brasil, 2021. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento: ano 6, 11ª ed, vol. 06, pp. 60-78.



---

Outra fusão, Stevonnie, composta por Steven e Connie, é não apenas não-binária, como interssexual. Como explicado anteriormente, um ser-fusão sempre será fruto do relacionamento interpessoal de seus fusores, com própria aparência e personalidade - e não apenas o amálgama dos dois indivíduos. Dessa forma, Stevonnie carrega aquilo que Steven e Connie compartilhariam um com o outro, e sendo os dois detentores de gêneros e sexos distintos, a identidade da sua fusão está na interseção entre os dois. Stevonnie é um dos raros casos em que a sexualidade exata de um personagem foi confirmada de forma explícita, o que aconteceu através de um comercial em parceria com a Dove. Na época, o desenho e a marca uniram-se para fazer uma série de comerciais que falassem sobre auto-estima, e durante um deles, Stevonnie mostra suas redes sociais em um celular, e no seu perfil podemos ver as descrições não-binária e interssexual, assim como imagens das bandeiras de ambas identidades. Na série, sua fisiologia foi abordada em cena, uma vez que apresenta traços corporais mais feminilizados, ao mesmo tempo que cresce uma barba, por exemplo. Entretanto, apesar de usar os pronomes neutros they/them na versão original, na dublagem brasileira foi alterado pelo feminino - mudança que invalida sua real identidade. Outro caso semelhante é o de Shep, personagem também não-binário e que utiliza os pronomes neutros, que por sua vez foram alterados para o masculino na dublagem. A diferença de Stevonnie e Shep é que enquanto Stevonnie é uma fusão, Shep é um ser-humano comum, e que vive um romance com a jovem Sadie, o que descaracteriza a personagem como heterossexual por si só.

Quanto a Garnet, brevemente mencionada anteriormente, é a grande representação queer da série. Fusão de duas gems que se amam, Rubi e Safira, é através dela que é explicado muito do que significa fusão e sua alegoria para os relacionamentos, e não só ao público como dentro da própria série. Garnet foi a primeira fusão concebida por amor entre diferentes tipos de pedras. Safira é uma gem aristocrata rara e alta posição na hierarquia da sociedade gem, enquanto Rubi, uma de suas guarda-costas, é vista como extremamente inferior. E foi em uma tentativa de salvar sua protegida de um ataque, que acidentalmente fundiram-se em Garnet pela primeira vez, diante de muitos, que instantaneamente as repreenderam. Apesar de desfundirem-se e fugirem nesse primeiro momento, acabam tomando gosto por fusão e aos poucos entendendo o sentimento que sentem uma pela outra, o que torna Garnet tão estável enquanto indivíduo. Quando ela é apresentada, não se sabe o que é uma fusão, muito menos que ela em específico é a união

de Rubi e Safira, duas gems que se amam, e podem ser lidas como um relacionamento lésbico. As duas também foram concebidas dentro de uma estética butch e femme, respectivamente, de forma que Rubi teve, inclusive, seu gênero alterado para masculino em países mais conservadores como a Rússia. É através do relacionamento das duas que a série foi a primeira a apresentar não só um beijo lésbico em um desenho infantil, como o pedido de casamento entre duas mulheres e a cerimônia matrimonial em si.

Figura 2 – Frame do beijo em “Reunited”



Fonte: Pride

Steven Universo sofreu grande censura ao redor do mundo, principalmente em questão da representação queer. Diversos personagens tiveram seus gêneros alterados na dublagem, como mencionado nos casos de Stevonnie, Shep, e principalmente da Rubi. Entretanto, uma escolha tomada por Sugar tornou inviável que no caso de Rubi, especialmente, mantivessem-na tratando como se fosse um homem. No episódio “Reunited”, da quinta temporada, em que ocorre a cerimônia de casamento das fusoras de Garnet, Rubi e Safira invertem suas estéticas butch e femme para o evento, com Safira entrando primeiro e esperando no altar usando um terno e de cabelo preso, enquanto Rubi - dublada como homem por alguns países - entra depois usando um vestido de noiva e flores no cabelo. Apesar do episódio ter entrado para a história da televisão de forma positiva, foi encarado como afronta para muitos países, que cancelaram a exibição do desenho, assim como os investimentos na animação. Steven Universo era produzido principalmente sob financiamento internacional, e sem mais esses investidores, teve seu fim apenas 5 episódios depois. Apesar disso, foi lançado um filme direto para a televisão produzido antes do cancelamento do desenho - Steven Universo: o Filme (2019) - e posteriormente, com uma série spin-off limitada - Steven Universo: Futuro (2020) -, que

---

Sugar conseguiu produzir após várias negociações com o Cartoon Network como forma de apenas finalizar a história.

Dessa forma, a mesma razão pela qual o desenho foi aclamado é a que promoveu o seu cancelamento: a representação LGBTQIAP+. Todavia, conclui-se que apesar da forma que o desenho foi forçado a ser finalizado, o impacto que a presença dessas identidades causaram é inegável, e sua existência é essencial. A necessidade de reconhecer a existência de crianças queer é urgente, assim como de crianças da existência do queer. O contato com a comunidade LGBTQIAP+ através da mídia não torna alguém queer, mas revela uma possibilidade válida de ser, desconhecida e alienada por muitos, principalmente crianças em período de formação. Elas internalizam as personas que assistem como possíveis identidades. Logo, se existe uma carência de representatividade positiva, a falta de contato pode promover a invalidação interpessoal dessas diferentes existências. E caso o jovem pertença à minoria não retratada, sua autopercepção pode ser prejudicada, resultando no não reconhecimento, problemas de auto-estima e transtornos emocionais.

Steven Universe não foi o primeiro desenho a trazer personagens LGBTQIAP+ às telas. Produções como ‘Os Simpsons’ (1989) e ‘South Park’ (1987) fizeram isso antes, mas além de serem criticados pela forma que fizeram, tratavam-se de desenhos impróprios ao público infantil. Além disso, Steven representou a comunidade de forma múltipla e explícita, sob um olhar positivo, abrindo portas para que futuramente novos desenhos “livre a todos os públicos” possam fazer mesmo - o que, felizmente, já tem acontecido. Rebecca Sugar não é responsável por nenhuma dessas novas histórias. Ela trabalhou anteriormente em “Hora de Aventura” (2010), onde ajudou a dar vida ao relacionamento das personagens Marceline e Princesa Jujuba, que apesar de queer, não foi aprofundado como as narrativas de sua própria criação, em 2013. São novas produções como ‘She-ha e as Princesas do Poder’ (2018), “A Casa da Coruja” (2020) e “Miraculous” (2015), desenhos infantis de outras emissoras e serviços de streaming, que tem por conta própria representado de forma positiva a comunidade LGBTQIAP+, mas certamente é graças à Steven Universo que essas representações podem ser hoje aprofundadas, sem deturpar sua queeridade - ao mesmo tempo que, infelizmente, estão envoltas em relatos de obstáculos similares ao enfrentados por Sugar.

---

## Conclusão

A existência positiva de personas LGBTQIAP+ na televisão, sejam personagens ou pessoas reais, não tem como intenção fomentar o número de espectadores que se consideram queer, mas é essencial para formação de uma identidade queer saudável por aqueles que se reconhecem como tal, principalmente no caso de crianças, em processo de formação. Negá-las essa representação é perigoso, e fazê-la de forma superficial ou negativa pode ser tão prejudicial quanto, ao invalidar um guarda-chuva de identidades com as quais essa criança entrará em contato ao longo da vida, ou mesmo compreender-se nelas, reproduzindo tais apagamentos e preconceitos.

Assim, Steven Universo surge como possibilidade de construção de uma nova programação infantil que inclua essas identidades queer de forma saudável e positiva, deixando marcos históricos na televisão e causando um impacto na sociedade em geral, seja pelo reconhecimento da crítica especializada, o apreço de um grande número de fãs, a possibilidade mercadológica - dado o grande número de produtos vinculados à série -, e mesmo em âmbito acadêmico, que tem mostrado-se interessado no desenho enquanto objeto de estudo, como evidenciado pelo número de pesquisas sobre a animação. Para execução da monografia de conclusão que baseia este artigo, foi montado um catálogo que secciona 110 obras literárias, dentre artigos científicos, monografias, dissertações de mestrado, etc, que em menor instância citam a série Steven Universo em seu desenvolvimento, sendo em 57 seu objeto de estudo. Um catálogo foi confeccionado através do ‘Google Acadêmico’, incluindo produções em português e inglês e visando o espaço de tempo entre 2013 e 2021. Elas abrangem as mais variadas áreas, de Psicologia à História Ambiental, mas tendo como principal a Comunicação. 44 das obras debatem estudos gênero em seus mais diversos tópicos, além de Teoria Queer e a comunidade LGBTQIAP+ aparecerem como tema de 33 trabalhos - dentre esses, 15 em convergência com a temática de gênero, compondo juntos a proposta de tais produções, que, inclusive, incluem artigos da Intercom. Essa é talvez a maior prova da importância da animação na contemporaneidade, que apesar de ter sido finalizada, vem cada vez mais sendo estudada e compreendida como possibilidade válida e positiva de como representar o queer na televisão, principalmente para crianças.

## Referências Bibliográficas

---

DIANA, Daniela. in: Meios de Comunicação. **Toda Matéria**: Brasil, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/meios-de-comunicacao/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. França, 1976, p.151 - recurso digital. Tradução de: Maria Thereza Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, 13ª ed.

RESENDE, João. **Caminhos da Representatividade em Steven Universe**. Monografia (Bacharelado em Cinema e Audiovisual) - Universidade Federal Fluminense. Brasil, p.122. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Estados Unidos, 1990, p.226 - recurso digital. Tradução de: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, 1ª ed.

BRITZMAN, Deborah P. **O Que É Esta Coisa Chamada Amor? Identidade Homossexual, Educação e Currículo**. Canada, 1995, p.96 - recurso digital. Tradução de: Tomaz T. da Silva. Educação & Realidade, 1996.

OHANESIAN, Liz. Steven Universe, The First Cartoon Network Show Created Solely By A Woman. **La Weekly**: Estados Unidos, 2013. Disponível em: <<https://www.laweekly.com/steven-universe-the-first-cartoon-network-show-created-solely-by-a-woman/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Reino Unido, 1992, p.102. Tradução de: Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, 11ª ed.

FONSECA, Nicole; OLIVEIRA, Bruno. Trauma bonding: conceitos, causas e mecanismos em relacionamentos íntimos. Brasil, 2021. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**: ano 6, 11ª ed, vol. 06, pp. 60-78. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/356418181\\_Trauma\\_bonding\\_conceitos\\_causas\\_e\\_mecanismos\\_em\\_relacionamentos\\_intimos](https://www.researchgate.net/publication/356418181_Trauma_bonding_conceitos_causas_e_mecanismos_em_relacionamentos_intimos)>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

LOURO, Guacira. in: **Gênero, Sexualidade e Educação** - uma Perspectiva Pós-estruturalista. Vozes: Brasil, p. 14-36, 1997.